

Senado Federal

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Fim de caso, fim de época

• “Ai, que alívio!”. Embora não proferida assim, esta é a expressão que resume o sentimento do Senado com o fim do caso Jader Barbalho. Mais do que alívio, o epílogo da novela, que no início tinha outro personagem forte, o ex-senador ACM, traz a esperança de que tenham chegado ao fim outros costumes e um estilo — o político morubixaba, que faz e acontece.

Na semana que vem ainda sobrevirão protestos contra o arquivamento do processo, objetivo alcançado mais uma vez com a renúncia. Mas como lembra o senador Ramez Tebet, a brecha é constitucional e precisa ser tapada com a emenda que torna os parlamentares processados ilegíveis, mesmo renunciando ao mandato. A medida está na pauta de urgências da Câmara.

Será ainda o Senado provocado a alongar a história, processando o segundo suplente e provável substituto de Jader, Fernando Ribeiro, muito citado no caso Sudam. Mas a Casa anda cansada e desejava de normalidade, talvez não enfrente a empreitada. O mandato dele será breve, a eleição se aproxima e dois terços dos senadores em fim de mandato têm que cuidar da própria vida.

Jader não foi o primeiro a experimentar um mandamento da nova ética, a ser inscrito na nova regra de imunidades, o de que o mandato não apaga o passado. Tanto quanto o ex-senador Luiz Estevão e o ex-deputado Hildebrando Pascoal, Jader não atentou contra o decoro exercendo o cargo, mas muito antes da posse. O caso Banpará tem mais de 17 anos, juridicamente vencido.

Mas a decisão do Senado foi política, e cabe dizer que movida por muito combus-

tível partidário. Jader diz em sua carta que pagou por ter enfrentado ACM. Colheu a ira do PFL somada à implacabilidade da oposição. Este foi um componente do enredo, mas não o determinante. Desde sua posse, as denúncias não cessaram, e ainda que tenha havido excessos no noticiário jornalística, o fato é que Jader tornou-se um fardo pesado demais para o Senado e para seu partido. Foi vítima de sua história, de seu estilo e de seu temperamento.

O estilo foi, para ele e ACM, o que os uniu e atingiu. Pois, apesar das nuances, são da mesma estirpe. Caciques de mando regional, com gosto pela obediência, guiados pela vontade e a audácia. Cresceram no Executivo, como governadores, e chegando ao Congresso, não se ajustaram. O Parlamento é outro mundo, pode até ser cansativo em suas delicadezas, na exigência permanente de negociação e diálogo, na convivência obrigatória com os contrários, na capacidade de transigir e recuar. Coisas estranhas a ACM e Jader. A queda de Jader, mais espetacular porque mais do alto, da própria presidência do Senado, pode estar anunciando também o fim de um estilo político, o fim dos morubixabas de voz grossa e punhos fortes. Talvez um fim de época. Ainda que eles voltem, pelo voto popular, voltarão mudados.